

AS TRICANAS DE VILDEMOINHOS

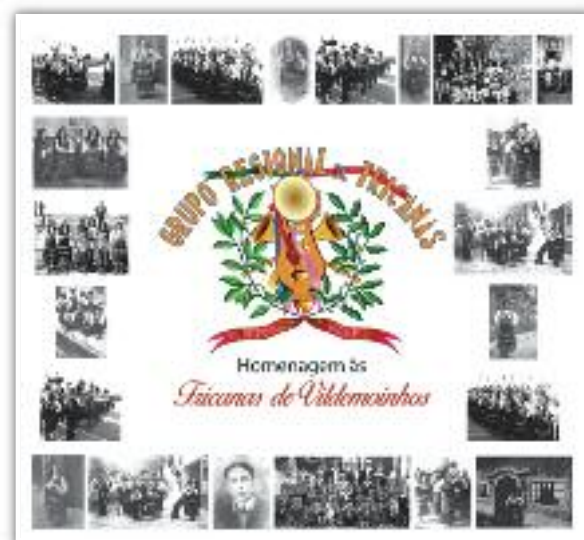


Quando no início do ano, abraçámos o tema “Tradições é Folclore” para a edição de 2018 das Cavalhadas de Vildemoinhos, estávamos longe de imaginar o resultado magnífico que o mesmo traria. Tradições porque as Cavalhadas de Vildemoinhos têm 366 anos de tradição e Vildemoinhos é sem dúvida, terra de Folclore.

Na década de 20 surgia um grande rancho em Vildemoinhos – Rancho Flor de Pavia, do qual ainda há memórias fotográficas que mais tarde, daria vez ao afamado rancho das Tricanas de Vildemoinhos. Entre 1930 e 1950 foi um rancho de renome nacional, que chegou a representar a região do Dão, no Festival de Lisboa, tendo trazido para Vildemoinhos o famoso cacho dourado, que juntamente com a bandeira original, está num lugar de destaque no Museu das Cavalhadas de Vildemoinhos.

Juntamente com o tema, propusemo-nos a revitalizar as memórias das Tricanas de Vildemoinhos... e sem margem para dúvida, superámos o desafio. Envolvemos a comunidade, partilhámos nas redes sociais e hoje, a meia dúzia de dias do cortejo, estamos orgulhosos do trabalho que desenvolvemos.

Foram muitas as memórias originais que nos chegaram... nem fazíamos ideia que quase um século depois, ainda teríamos estes tesouros.



Mural de Homenagem às Tricanas de Vildemoinhos carro artísticos do Cortejo das Cavalhadas de Vildemoinhos 2018.

Das peças originais, destacamos o lenço presente no Museu Etnográfico de Silgueiros, assim como a roupa interior do traje das Tricanas – saiotos, blusa, colete... que lindas eram as nossas Tricanas e Tricanos. Sim, porque as muitas memórias fotográficas que recolhemos, mostram um grande grupo de homens e mulheres de Vildemoinhos, trajados a rigor, orgulhosos do seu rancho e do seu traje.



Lenço original das Tricanas de Vildemoinhos, presente no Museu Etnográfico de Passos de Silgueiros – Inspetor Lopes Pires.

Toda esta recolha provou-nos que com o espírito trambelo, tudo somos capazes. Posemos mãos à obra, revitalizamos o traje, recolhemos o espólio musical e honrámos a mais importante tradição trambela para as Tricanas de Vildemoinhos – construámos um carro artístico que a 24 de Junho, fará honra deste espírito para as Tricanas. Apresentamos à cidade a “Casa” das Tricanas de Vildemoinhos, trajadas a rigor, com memórias vivas deste rancho e da nossa gente. Neste magnífico carro, que tanto nos orgulha, estão as cores das Tricanas de Vildemoinhos – o laranja do lenço, o verde azeitona da saia, a bandeira original com o cacho dourado ganho em Lisboa e um imponente moral, com fotos das nossas gentes trajadas de Tricanas.



Bandeira original das Tricanas de Vildemoinhos e Cacho Dourado, ganho no Festival de Lisboa em 1937

Será uma singela homenagem... mas não nos cabe no peito, tanto orgulho que temos em honrar as Tricanas de Vildemoinhos. Após as Cavalhadas, não deixaremos morrer esta memória. Queremos revitalizar o rancho das Tricanas de Vildemoinhos na sua plenitude... temos um longo caminho pela frente, mas sabemos que vamos conseguir, pois com o espírito trambelo, tudo se consegue. Até 2019... com o grande rancho das Tricanas de Vildemoinhos.





Rancho Popular Flor do Pavia Vilde-Moinhos – 1921/1922

Primeiro Rancho de Vildemoinhos, do Século XX,
que viria mais tarde a dar origem ao Rancho das
Tricanas de Vildemoinhos.



Tricanas

Tricanas do Rancho das Tricanas de Vilde-
moinhos,
entre 1930 e 1950.

Em ano de folclore
As Tricanas Revitalizámos
Honrámos Vildemoinhos
Com um carro que encantámos

Orgulhosos da nossa história
E de todo o nosso caminho
Temos as mais belas Tricanas
As Tricanas de Vildemoinhos

Vildemoinhos Terra de história
Das Cavalhadas e tradição
Com orgulho na sua broa
E as Tricanas no coração

Aqui estamos no cortejo
Com orgulho e humildade
Desfilando o nosso traje
Pelas ruas da cidade

Não vamos esquecer este dia
Que tanto orgulho nos dá
Ter as Tricanas de vildemoinhos
É o melhor que há



Tricanas do Rancho das Tricanas de Vildemoinhos

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

VISEU

CULTURA

Descrição do Traje pela comunicação social

“O vestuário que usam as raparigas é o tradicional das faldas do Caramulo.

Capucha de burel, lenço de cores berrantes, casaco branco com punhos e gola de rendas, colete bordado de linho cru. Saia verde de lã, avental de sergilha, bordado ou enfeitado com fitas, saiote de flanela vermelho com barra preta, meias feitas à mão, brancas até ao tornozelo e amarelas no pé. Como calçado as tradicionais tamanquinhas de madeira com a parte superior bordada.

O penteado é de risca ao meio da cabeça.

Os rapazes vestem: chapéu de aba larga revirada, camisa de estopa sem colarinho, lenço de cores berrantes ao pescoço. Colete e calças de burel, botas de cabedal branco de salto de prateleira.”



O vestuário que usam as raparigas é o tradicional das faldas do Caramulo.

Capucha de burel, lenço de cores berrantes, casaco branco com punhos e gola de rendas, colete bordado de linho cru. Saia verde de lã, avental de sergilha, bordado ou enfeitado com fitas, saiote de flanela vermelho com barra preta, meias feitas à mão, brancas até o tornozelo e amarelas no pé.

Como calçado as tradicionais tamanquinhas de madeira com a parte superior bordada.

O penteado é de risca ao meio da cabeça.

Os rapazes vestem: chapéu de aba larga revirada, camisa de estopa sem colarinho, lenço de cores berrantes ao pescoço. Colete e calças de burel, botas de cabedal branco de salto de prateleira.

1928 - T. V. GUERRA



RANCHO DE TRICANAS DE VILDEMOINHOS

1937/1945

Recolha do reportório do *Rancho Folclórico de Vildemoinhos*, que tomou parte do 5.º congresso do Cacho Dourado, no dia 7 de Outubro de 1937, em Lisboa.



Pelas encostas do Douro
Bendito seja o tesouro
Bebam vinho pelo bisto
Onde há bebida tão boa
O vinho é sangue de Cristo
Que dá vida a uma pessoa

Cacho dourado pelo sol luzinho e quente
Saboroso e perfumado para conforto da gente
Fruto sagrado como tu não há igual
Formoso cacho dourado
Riqueza de Portugal

P'ra homens e p'ra mulheres
Fazem patuscadas
Cantam desgarradas
Pode tomar-se às colheres

Recolha oral
Elisa da Anunciação Correia

Oh rico vinho do Dão
Tu és um vinhão
Tu és obra-prima
Mereces lindas cantigas
Que essas raparigas cantam nas vindimas
Alegre com que és feito deves por direito
Transmiti-lo então
A quem beber tanto tanto
Desse rico encanto
Que é do nosso Dão
(BIS)

É vinho divino
Mais fino que o fino
Um elixir sem igual
Bebe-se nas andanças
Nas festas e nas danças
Cá do Nosso Portugal

Para ele é preciso
Ter muito juízo
Porque dá tão boa prova
Ao perder-se o correcto
Ou se fica tonto
Ou vai de caixão a cova

Letra e Música: Almeida Campos
Ensaíador: António Pires
Recolha Oral: José Alexandre das Neves

Canção original das Tricanas de Vildemoinhos, para o Festival do Cacho Dourado, em 1937.

Recolha feita em 1997, para a revista das Cavalhadas de Vildemoinhos.

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

VISEU

CULTURA

As Tricanas de Vildemoinhos

Subsídios para a sua história



Chegou ao nosso conhecimento haver um conjunto de pessoas da localidade desejosas de fazer reviver um grupo recreativo, artístico, cultural que ali viveu nos anos de 1930: As Tricanas de Vildemoinhos.

É sempre agradável saber que alguém se interessa pelos problemas culturais da sua região ou da sua terra, mais ainda quando se trata da cultura de tradição popular tantas vezes esquecida ou até tratada com desdém.

Fomos à procura de conhecer o possível da história deste grupo.

Nessa época, a algumas manifestações de natureza política – visitas de ministros ou de gente importante vinda de Lisboa, presença de governadores civis ou presidentes de câmaras municipais para pequenas inaugurações de chafarizes, ruas ou largos – organizava-se uma representação local para homenagear os ilustres visitantes, quase sempre constituída por um grupo de jovens adequadamente vestidos para a função, e treinados para cantar e para dançar em honra dos visitantes.

Às vezes, passada a festa, o grupo dissolvia-se; outras, porém, o entusiasmo dos jovens, o bairrismo de todos e o prazer de rapazes e raparigas se continuarem a encontrar para uma frequente convivência era um bom pretexto para que o grupo não morresse, antes continuasse a apresentar-se em momentos especiais da sua terra ou de outras vizinhas.

Em Vildemoinhos assim aconteceu. Não conseguimos apurar as condições da sua fundação, mas sabemos que viveu por alguns anos. Pensamos que nos finais dos anos de 1940 já se encontrava inativo, pois os seus fatos repousavam nos domínios da entidade que os pagou, a União Vinícola do Dão/Federação dos Vinicultores do Dão, na cidade de Viseu. O autor destas linhas bem os viu e até vestiu um deles, em festa académica do ano de 1950.

Em 1938 realizou-se em Lisboa o 5.º Congresso Internacional da Vinha e do Vinho, 2.º Congresso Internacional Médico para o estudo científico do vinho e da uva. O governo de então esmerou-se na preparação e realização deste magno encontro de médicos que muito honrava o nosso país por ter sido o escolhido para o efeito.

Foi então decidido que uma forma de mostrar aos estrangeiros que nos visitavam, como também aos habitantes da grande cidade de Lisboa, que as tradições do povo português, designadamente, as danças e os cantares que pelo país inteiro, espontaneamente, o povo executava no adro, na praça, nas festas e romarias, na linha de um pensamento romântico vindo do século XIX, eram uma boa forma de mostrar a Portugal e ao mundo o espírito de alegria e de felicidade dos portugueses. Criou-se, assim, um movimento oficial dirigido a todas as regiões vinícolas do país, para se fazerem representar no congresso de Lisboa com um grupo de jovens devidamente treinados e vestidos para a função. Por parte de Viseu e da região vinícola do Dão, coube ao grupo as Tricanas de Vildemoinhos esta representação, a que a organização, em todos os documentos oficiais, sempre designou de Rancho de Vil de Moinhos.

A preparação desta deslocação trouxe muitas exigências. Em primeiro lugar foi preciso encontrar quem compusesse letras e músicas para as danças a executar. As modinhas de todos os dias que toda a gente sabia e can-



tava, não eram apropriadas, pois, a tranquilidade das danças portuguesas, a singeleza das coreografias e os movimentos pausados, não era o que se pretendia. Queria-se, sim, movimento rápido e difícil, alegria e garridice. Além disso, em festa das vindimas, ca-

da um teria de cantar loas ao vinho da sua região, neste caso, ao vinho do Dão, ou seja, fizeram-se letras, criaram-se músicas, coreografaram-se os movimentos. E o traje? Era preciso estarem em Lisboa bem vestidos, pelo que se desenharam os fatos. Iguais para todos, bem garridos, como convinha para aquela circunstância. As despesas, como se compreende, foram pagas pelo organismo viseense que protegia os vinhos do Dão – União Vinícola do Dão que, mais tarde, arrecadou os fatos de que ainda existiam algumas peças em 1978.

O grande acontecimento realizou-se em 1938, entre os dias 15 e 23 do mês de outubro.

O Rancho de Vil de Moinhos, como os demais, já convidado no mês de Abril, para se poderem preparar convenientemente, fez parte do conjunto de grupos selecionados pela comissão executiva do congresso, assim constituído:

Região dos Vinhos Verdes

– Rancho Regional das Lavradeiras do Carreço.

Região do Dão

– Rancho de Vildemoinhos.

Região de Colares

– Rancho de Colares.

Região do Moscatel de Setúbal

– Rancho Regional da Palhavã de Setúbal.

Região do Ribatejo

– Rancho de Campinos de Vila Chã de Ourique, Cartaxo.

Região da Estremadura

– Rancho Regional de Alenquer.

Região do Douro

– Rancho da Casa do Povo de Barqueiros.

O programa destes grupos cumpriu-se na tarde do dia 16 de outubro, domingo, com um desfile pela Avenida da Liberdade e a festa vindimária, incluindo as danças, no pavilhão de exposições do Parque Eduardo VII, hoje Pavilhão Carlos Lopes.

Cumprida esta obrigação, cada um regressou a suas terras para, dias depois, receber os congressistas cujo programa incluía visitas a diversos lugares do país, incluindo as sedes das regiões vinícolas. Assim, a 21 de outubro, na União Vinícola do Dão, em Viseu, mais uma vez o grupo se apresentou para abrilhantar o almoço e a festa desta visita, agora acompanhado pelos ranchos de Cambra e de Manhouce.

Não sabemos em que tempo e circunstâncias o grupo das Tricanas de Vildemoinhos terminou a sua vida. Todavia, como atrás disse, em 1950 já os seus fatos não estavam na sua posse; mas sabemos que fez parte de um movimento de folclorização criado por António Ferro entre 1933 e 1936. Estes grupos, já existentes ou criados a partir desta data, foram estimulados por festas e concursos, a maior parte na cidade de Lisboa, com ou sem a colaboração da Emissora Nacional de Radiodifusão e dos programas emitidos com a sua presença e participação. A “política do espírito” promovida pelo governo de então, favoreceu a criação e movimentação dos ranchos folclóricos, com este ou outros nomes análogos. Muitos deles ainda hoje vivem. Todavia, pela evolução do projeto do movimento folclórico nacional, qua-se todos fizeram um trabalho de reciclagem no sentido de caminharem na direção da antropologia cultural, ou seja, em busca das autênticas tradições do povo português, deixando de parte tudo quanto foram invenções ou criações em matéria de poesias, músicas, trajes e tocatas.

Assim se chegou aos dias de hoje, onde o Folclore e a Etnografia em Portugal, sob a égide da Federação do Folclore Português, são tratados cientificamente e onde os grupos procuram reger-se pelos procedimentos aconselhados pela ciência etnológica.

António Lopes Pires

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

VISEU

CULTURA



Mural em Homenagem às Tricanas de Vildemoinhos, presente no Carro Artístico do 366º Cortejo das Cavalhadas de Vildemoinhos – 2018.

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

VISEU

CULTURA